

## **A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: IMPLICAÇÕES NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Daiana Cristina da Silva<sup>1</sup>  
Adriana Varani<sup>2</sup>

### **Resumo**

A presente pesquisa, fundamentada na abordagem qualitativa, teve como objetivo compreender o tipo de relação que há entre família-escola e suas possíveis implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto foi realizado estudo de caso em uma escola pública de São Paulo, e utilizados como instrumentos de coleta de dados: entrevista, documentos, conversa informal e observação. Tal metodologia foi informada por Ludke e André, Moysés, Trivinos e Minayo. Foram construídos os seguintes indicadores de análise: alternativas da escola para aproximar os pais da vida escolar dos filhos; tipo de participação da família na vida escolar; e implicações da relação família-escola no desempenho escolar dos alunos. Constatou-se que a participação da família nessa escola ocorre pela contribuição financeira, pela presença em eventos, pelo auxílio com as tarefas de casa e pelo acompanhamento através das Reuniões de Pais e Mestres. Chegou-se a conclusão que embora a família exerça um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, ela não pode ser considerada como a única responsável pelo desempenho escolar dos alunos e pelo seu sucesso ou fracasso escolar. A análise de dado foi informada por Paro, Sposito, Polônia & Dessen, Malavazi e Áries.

### **Introdução**

Nos últimos anos, no interior e exterior do Brasil, muito tem se falado e debatido sobre as causas do sucesso e do fracasso escolar. Pesquisadores como Polônia e Dessen (2005), e Paro (2007) apontam que tradicionalmente a família tem estado por trás do sucesso escolar e tem sido culpada pelo fracasso escolar de seus filhos. Segundo Polônia e Dessen (2005) muitas vezes a família tem sido vista como a impulsionadora da produtividade escolar, e o seu distanciamento da vida escolar de seus filhos, como um provocador em potencial do desinteresse escolar e da desvalorização da educação.

Essa informação apresentada por esses pesquisadores foi verificada ao longo dos períodos de realização dos estágios<sup>3</sup> do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, quando numa Escola Municipal de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo/Brasil, foram presenciadas algumas cenas, nas quais professores afirmavam que uma das dificuldades enfrentadas no ambiente escolar era com relação à participação da família no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Essa inquietação se transformou em tema de Trabalho de Conclusão de Curso, que buscou compreender que tipo de relação há entre família-escola e suas possíveis implicações no

desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. E para obter respostas a esta indagação foi realizada uma pesquisa<sup>4</sup> de caráter empírico e bibliográfico.

### **Objetivo da pesquisa**

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o tipo de relação que há entre família-escola e as possíveis implicações da família no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e também visou contribuir para com a desmistificação de concepções (dos profissionais e não profissionais da educação) de que é a família ou a escola, ou ambas, as únicas instituições culpadas pelo sucesso ou fracasso escolar das crianças.

### **Perspectivas Metodológicas**

A pesquisa foi fundamentada na abordagem qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética. A escolha por esse tipo de abordagem se deu devido ao fato de esta partir “[...] da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência” (Triviños, 1995: 129). A escolha por técnicas qualitativas de análise se deu, por ser ela “[...] um enfoque que permite fazer um enlace constante e permanente entre a teoria e a prática, durante o próprio desenrolar do trabalho” (Moysés, 1994: 12).

Como já foi explicitado esta pesquisa é de caráter empírico e bibliográfico. Empírico porque embasada na relação família e escola da instituição campo de minha pesquisa<sup>5</sup>, foram realizados levantamentos de dados que se referem às implicações que a relação família e escola têm repercutido no desempenho escolar dos alunos, das alternativas utilizadas pela escola para aproximar os pais da vida escolar de seus filhos e do processo pedagógico e também, de como se dá a participação da família na vida escolar de seus filhos. E bibliográfico porque, para desenvolver este trabalho, foram revisados títulos de livros, artigos científicos e revistas especializadas em estudos institucionais de estabelecimentos de Ensino Fundamental, direcionados à prática pedagógica, à educação formal e informal no âmbito familiar.

E para conseguir obter resultados concretos para a pesquisa, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: entrevista, documentos, conversa informal, observação e diário de campo. Neste sentido foi desenvolvido um estudo de caso em uma escola pública do interior do estado de São Paulo/ Brasil. O estudo de caso visou à superação de algumas idéias e conceitos já enraizados em nossa sociedade atual, no que diz respeito à relação entre família e escola. Do estudo de caso foi realizada uma análise descritiva dos dados coletados. E para uma melhor organização da pesquisa, a análise foi disposta através dos seguintes indicadores analítico-descritivos: as alternativas utilizadas pela escola para aproximar os pais da vida escolar

de seus filhos; como se dá a participação da família na vida escolar de seus filhos; e as implicações que a relação família e escola têm repercutido no desempenho escolar dos alunos.

## **Resultados**

### **A) Dos estudos bibliográficos**

Por meio de estudos bibliográficos constatou-se que às sociedades que deram origem à constituição da família nuclear (composta de pais, mães e filhos) sofreu inúmeras transformações no decorrer do tempo. Ariés (1978) aponta que no período da Idade Média não havia intimidade familiar, a vida no passado, até o século XVII, era vivida em público “[...] as pessoas viviam misturadas umas com as outras, senhores e criados, crianças e adultos, em casas permanentemente abertas às indiscrições dos visitantes [...]” (ARIÉS, 1978: 273). O autor aponta que as crianças, aproximadamente, aos sete anos de idade, eram mergulhadas na sociedade e ingressavam na grande comunidade dos homens, sua educação era garantida pela aprendizagem junto aos adultos e ministrada por uma outra família. E o ensino era voltado para a experiência prática.

De acordo com Ariés (1978: 225) com o passar do tempo “[...] a família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com as crianças”, na medida em que começou a estabelecer uma relação de intimidade com os filhos, a se preocupar com sua educação e a cultivar um sentimento de afeto para com eles. De acordo com o autor, a partir da segunda metade do século XVII, período em que marca o início da Idade Moderna, a aprendizagem tradicional é substituída pela escola.

Venosa (2005) aponta que a composição familiar é transformada drasticamente com o processo de industrialização, com a passagem da economia agrária à economia industrial. A família neste momento, deixa de ser uma unidade de produção, na qual todos os membros trabalhavam sob a autoridade de um chefe. A saída das mulheres de suas casas para o mercado de trabalho, de acordo com Duarte (1991), foi uma das molas propulsoras, nas zonas urbanas, para a criação de instituições de educação infantil específica. E segundo a autora, com a criação dessas instituições, as famílias deixam de ser o único núcleo protetor das crianças.

Venosa (2005) destaca que a transformação no século XX do papel da mulher acarretou sensíveis efeitos no meio familiar. Ele afirma que atualmente, as mulheres alcançaram os mesmos direitos dos maridos na maioria das legislações, e com isso a convivência entre pais e filhos foi transfigurada. As transformações ocorridas em nossa sociedade levaram a uma divisão de responsabilidades. Hoje, em nossa sociedade contemporânea, a família não é mais a única responsável pelo desenvolvimento da educação escolar das crianças. De acordo com o art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990: não paginado).

Como cita o art. 4º da Lei nº. 8.069/90, é dever também do Poder Público assegurar a educação das crianças. E de acordo com Malavazi (2000), hoje há uma troca de papéis entre família e escola. A escola cada vez mais está se preocupando com normas de condutas das crianças e a família se ocupando do ensino de seus filhos. Essas transformações sociais ocorridas na família e na escola camuflaram as atribuições específicas de cada uma delas.

De acordo com Assis (1994: 130) é papel da escola “[...] promover o desenvolvimento do indivíduo, tornando-o capaz de enfrentar múltiplas situações [...]”. Assis (ibid.) aponta que a escola é uma das instâncias mais importantes da sociedade, e destaca que sua função é ensinar, não se limitando “[...] à simples aquisição de conteúdos, uma vez que o conteúdo, por si só, não desenvolve as habilidades mentais necessárias à formação de um raciocínio flexível e criativo [...]” (Ib., Ibid.: 129-130). A escola, segundo Paro (2007), é uma agência que propicia a apropriação do saber historicamente produzido.

E autores como Libâneo; Oliveira e Toschi (2007) afirmam que o objetivo primordial da escola é o ensino e também a aprendizagem dos alunos. Esses autores pontuam que “é a escola como um todo que deve responsabilizar-se pela aprendizagem dos alunos [...]” (Id., Ibid.: 304). À escola cabe também o reconhecimento da importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar, o auxílio às famílias no exercício de seu papel na educação, no desenvolvimento e no sucesso profissional de seus filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade (POLÔNIA E DESSEN, 2005).

Já a família, tem como um dos principais papéis, a socialização da criança, ou seja, a inclusão desta no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e das regras de convivência em sociedade (Polônia e Dessen, 2005). E de acordo com Portugal (*apud* Duarte, 1991), a função primária da família é educar e criar as crianças. Malavazi (2000) também aponta que à família cabe, o auxílio na organização escolar, e a transmissão do equilíbrio emocional e afetivo para a formação humana das crianças. E para Kaloustian (1998):

A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade (Kaloustian, 1998: 11-12).

Dos estudos realizados constatou-se que nas escolas a integração com os pais tem se estabelecido sobre diversas formas. Ela tem se dado através de ajuda pecuniária dos pais, de contribuição financeira através da APM (Associação de Pais e Mestres), da participação em eventos com fins lucrativos (festa junina, entre outros), da ajuda com a tarefa de casa e também através da prestação de serviço a ela. Este autor aponta que freqüentemente, os pais têm estado presentes na escola para realizar pequenos reparos, em serviços de limpeza, na preparação da merenda, na organização ou cumprimento de tarefas ligadas a festas, excursões, entre outras (Paro, 2007; 2008).

Entretanto, Paro (2001) destaca que a participação dos pais e da comunidade no processo pedagógico “[...] não pode cair no equívoco de delegar aos pais e à comunidade aquilo que compete ao Estado, por meio da escola, realizar” (Paro, 2001: 67). Também não se trata de os pais prestarem uma ajuda unilateral à escola e nem de a escola repassar parte de seu trabalho aos pais. Não basta ainda, permitir formalmente que as famílias participem da administração da escola, e também “[...] não se pode exigir que eles participem do que não têm condições de dar conta e que é obrigação da escola fazê-lo [...]” (Paro, 2008: 52).

Para ele, é necessário à extensão da função educativa (não doutrinária) da escola para as famílias responsáveis pelos alunos. A escola necessita da adesão de seus usuários aos propósitos educativos a que ela deve visar, e essa adesão deve redundar em ações efetivas que contribuam para o bom desempenho dos alunos. A participação da família na escola precisa estar “[...] ligada à tomada de decisões e não como mera forma de prestação de serviços ou de contribuição financeira por parte da população” (Paro, 2007:10).

Participando das tomadas de decisões da escola os pais,

[...] além de terem melhores condições de influir nas tomadas de decisão a respeito das ações e objetivos da escola, eles estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida, na medida em que esses adultos estarão mais capazes, intelectualmente, de usufruir melhor de bens culturais a que têm direito e que antes não estavam a seu alcance (Paro, 2001: 68).

Outro importante resultado obtido com a pesquisa diz respeito à desmistificação das causas do fracasso escolar, muito relacionado ao papel e situação da família. Patto (1999) traz reflexões muito importantes acerca de como o fracasso escolar foi percebido no processo histórico da sociedade capitalista. A autora destaca que o mundo atingido direta ou indiretamente pela economia capitalista estava nos últimos anos do século XIX, basicamente dividido em perdedores e ganhadores, Patto (1999) aponta que as desigualdades sociais inerentes à nova ordem social passaram a ser justificadas pelas desigualdades raciais, pessoais ou culturais, sem colocar em xeque a tese da existência de igualdade de oportunidades.

Inicialmente, houve “[...] a crença de que a divisão social em classes superiores e inferiores teria como critério o talento individual [...]” (Id., Ibid: 41). E a partir do final do século XVIII e no

século XIX, as crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem escolar passaram a ser intituladas como anormais escolares e seu fracasso passou a ser procurado e justificado através de alguma anormalidade orgânica.

A partir da segunda metade do século XIX, houve outras explicações para justificar a desigualdade existente entre as pessoas no novo mundo – capitalista. Patto (Ibid.) destaca que o racismo – afirmação da existência de raças inferiores ou indivíduos constitucionalmente inferiores – foi uma das ideologias usadas para justificar a conquista de outros povos e também uma forma de justificar as diferenças de classes. Já no século XX, o fracasso escolar começa a ser justificado pela afirmação da existência de culturas inferiores ou diferentes, de grupos familiares patológicos e de ambientes sociais atrasados que produzem crianças desajustadas e problemáticas (Patto, 1999). Segundo a autora, as causas dos desajustes infantis passam nesse momento, a serem buscadas no ambiente sócio-familiar.

A autora também destaca que no início dos anos setenta, a teoria da carência cultural em sua primeira formulação, afirmou “[...] que a pobreza ambiental nas classes baixas produz deficiências no desenvolvimento psicológico infantil [...]” (Patto, 1999: 124). E essas deficiências, são na teoria da carência cultural, as causas das dificuldades de aprendizagem e de adaptação escolar. A autora cita que essa teoria defendia que “[...] a causa principal do fracasso encontrava-se no aluno, cabendo à escola uma parcela de responsabilidade por não se adequar a este aluno de baixa renda” (Id., Ibid.:145). Outra justificativa do fracasso escolar apresentada por Patto (1999), é a de que a nova pedagogia – teoria escolanovista – não localizava as causas das dificuldades de aprendizagem no aprendiz, mas sim, nos métodos de ensino. Segundo a autora, nesta perspectiva, o professor ensina segundo modelos adequados à aprendizagem de um aluno ideal, não encontrando correspondência com a realidade. Nesta justificativa do fracasso escolar, a escola é apontada como inadequada e de má qualidade, pois parte da suposição de que seus alunos possuem habilidades que na verdade não tem, de que os alunos pobres não têm habilidades que na realidade muitas vezes possuem e da expectativa de que a clientela aprenda em condições em vários sentidos adversas à aprendizagem.

Charlot (2000) aponta que a questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema de ensino, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, entre outras. Para este autor, “o ‘fracasso escolar’ não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal” (Charlot, 2000: 16).

Segundo Charlot (Ibid.) para que o fracasso escolar seja analisado, deve-se levar em consideração o fato de que ele “tem alguma coisa a ver” com a posição social da família, no

entanto, não se pode reduzir essa posição a um lugar em uma nomenclatura sócio-profissional, nem a família a uma posição. Para este autor, o fato de o fracasso escolar ter alguma relação com a desigualdade social, não permite, em absoluto, afirmar que a origem social do indivíduo é a causa do fracasso escolar.

O autor defende a idéia de que o “fracasso escolar” é um fato que deve ser analisado individualmente, em sua singularidade. No entanto, ele não é um produto isolado, ele é contextualizado dentro de uma perspectiva histórica de cada sujeito.

Autores como Paro (2007), Abramowicz (1997), Nunes (*apud* Coelho, 1997), Coelho (1997), Esteban (2003), Franco (2005) e Malavazi (2000) também trazem algumas reflexões acerca de algumas situações que podem favorecer a existência de alunos fracassados na escola. Sendo estas situações relacionadas à má aparelhagem da escola, os métodos inadequados de ensino, a má formação dos professores, o elevado número de alunos por classe na escola pública brasileira, a sobrecarga da escola em suas funções, as construções escolares inacabadas e mal conservadas, os equipamentos em precária condição de uso, os baixos salários dos docentes, a formação e atualização continuada inexistente ou inadequada, o funcionamento escolar em regime de vários turnos, o pouco interesse governamental em promover parcerias com universidades públicas para respaldar o trabalho educativo dos docentes do ensino fundamental, a negação da legitimidade de conhecimentos e formas de vida formulados à margem dos limites socialmente definidos como válidos e a utilização de modelos inadequados, parciais e fragmentados de avaliação.

E o fato da relação família e escola serem apenas uma faceta no processo do fracasso escolar, não a isenta de exercer seu importante papel. Paro (2001: 58) em relação ao papel da família para com a educação, enfatiza a importância da adesão dos pais aos propósitos educativos da escola, e destaca “[...] que essa adesão precisa redundar em ações efetivas que contribuam para o bom desempenho do estudante”. E de acordo com este autor, para o bom desempenho dos alunos há um caminho longo a percorrer no interior da própria escola, “[...] em termos da adequação de seus objetivos e de seu aparelhamento material, humano e metodológico” (Id., *Ibid*: 72).

#### B) Do estudo de caso

Do estudo de caso constatou-se que a instituição campo de pesquisa até o presente momento<sup>6</sup>, promoveu os seguintes eventos visando à participação/ presença dos pais: Bazar da Pechincha<sup>7</sup>, Festa do Sorvete, Comemoração do Dia das Mães, Festa Junina<sup>8</sup>, quatro Reuniões de Pais e Mestres, duas Reuniões do Conselho de Escola e duas Reuniões da Associação de Pais e Mestres (APM). E de acordo com o observado e com o registro em Diário de Campo, verificou-se que em eventos como: Bazar da Pechincha, Festa do Sorvete, Comemoração do dia das

Mães, a participação dos pais na escola é mínima. A escola, por meio desses eventos, abre espaço para que os pais apenas contribuam financeiramente e se façam presentes. A presença requerida pela escola nesses eventos é a presença passiva, sem ação, ou seja, os pais não são convidados a colaborar com a elaboração do evento, a dar sugestões, a participar, a se envolver com a escola.

Já o evento Reuniões de Pais e Mestres se diferencia dos eventos discutidos acima à medida que oferece aos pais uma maior abertura para a participação e envolvimento com a escola. As Reuniões de Pais e Mestres são os únicos eventos realizados pela escola, que permite a participação e o envolvimento dos pais. Através da pesquisa realizada na sala de aula de uma 2ª série foi possível verificar que nas reuniões de Pais e Mestres, os pais possuem espaço para se fazer presente e participar. A professora da 2ª série observada oferece espaços para que os pais se pronunciem.

Através das observações realizadas foi possível notar a preocupação por parte desta professora, em ouvir a opinião dos pais a respeito dos assuntos tratados em reuniões. Entretanto, de acordo com a observação realizada, os pais na maioria das vezes, se mostram bastantes tímidos na hora de participar, expor sua opinião no coletivo, preferem conversar com a professora individualmente e tratar de assuntos que dizem respeito exclusivamente de seus filhos.

Outras alternativas oferecidas pela escola como meio de promover a participação dos pais/comunidade no que se refere aos assuntos escolares são as Reuniões do Conselho de Escola (CE) e as da Associação de Pais e Mestres (APM), também chamados de coletivos.

Segundo Paro (2008: 113) esses coletivos tem o propósito prioritário de “[...] fazer da participação dos pais um objeto de preocupação e um fim da própria escola, de modo a aproximar a família das questões pedagógicas e a tornar a unidade escolar integrada ao seu meio [...]”. Porém, ao buscar informações através da diretora a respeito do CE e da APM, ela disse que neste ano letivo de 2008, só foram realizadas duas reuniões do CE e duas da APM. A do CE foi realizada uma reunião para eleger seus membros representantes e outra individual com cada membro, para prestar conta do recebimento da verba do PDDE<sup>9</sup> e coletar as assinaturas dos representantes, é importante destacar que a última reunião do CE foi apenas para prestar conta do recebimento da verba PDDE aos membros representantes e não para decidir coletivamente onde seria investida esta verba. Da APM foi também realizada uma reunião para eleger os membros representantes e uma outra individual com cada membro, apenas para informar os gastos e lucros obtidos com o evento da Festa Junina.

A partir do relato da diretora da instituição campo, verifica-se que os coletivos desta instituição têm assumido um caráter formalista e uma gestão burocratizada. Nesses coletivos os membros representantes não tomam decisões, não organizam ações, eles apenas assinam documentos e



são informados a respeito de recebimentos de verbas, de entrada e saída de dinheiro do caixa da escola e de ações realizadas pela escola com as verbas.

Foi também constatado que os gestores da instituição campo de pesquisa reconhecem a importância da parceria entre escola e família, estes estão sempre trazendo esse assunto à tona. No entanto, embora a escola reconheça a importância da participação da família na vida escolar dos alunos, ela ainda não consegue promover o envolvimento entre ambas. O Projeto Político Pedagógico da escola comprova esta afirmação. Nele é explanada a importância da integração entre família/comunidade e escola, entretanto, foi elaborado pelos gestores e professores da instituição campo sem a colaboração dos pais e da comunidade.

De acordo com Paro (2008) para que as famílias/ comunidade participem das tomadas de decisões na escola, “não basta permitir formalmente que os pais de alunos participem da administração da escola; é preciso que haja condições propiciadoras dessa participação” (Paro, 2008: 13). É preciso oferecer ocasiões de diálogo, de convivência, de participação na vida da escola (Paro, 2001). É preciso promover a extensão da função educativa da escola para os pais e a participação destes, nas tomadas de decisões da escola, pois de acordo com Paro (2001), só assim eles terão as condições necessárias para influir nas tomadas de decisões a respeito das ações e objetivos da escola e

[...] estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida, na medida em que esses adultos estarão mais capazes, intelectualmente, de usufruir melhor de bens culturais a que têm direito e que antes não estavam a seu alcance (Paro, 2001: 68).

Como podemos verificar os envolvidos com a escola (pais, alunos, professores, gestores, funcionários, comunidade escolar) só tem a ganhar com a integração e envolvimento da família com a escola.

Através do estudo de caso constatou-se também que embora os pais dos alunos da 2ª série da instituição campo de pesquisa, procurem estar presente nos eventos promovidos pela escola (Verificar Tabela em anexo<sup>10</sup>), a participação destes se resume: a contribuição financeira, a estar presente em eventos, a auxiliar os filhos com as tarefas de casa e também nota-se uma preocupação muito grande dos pais em acompanharem seus filhos através das Reuniões de Pais e Mestres.

A contribuição financeira dos pais para com a escola se dá através do envio de dinheiro para a APM e para xérox de atividade pedagógicas<sup>11</sup>, e também através de compra de roupas e sapatos (Bazar da Pechincha) e de comida (em festa: Junina e do Sorvete).

Nos eventos promovidos pela escola, a participação dos pais se resume a estar presente. Os pais não são convidados, pela escola, a contribuir com sua organização.

Já o auxílio com as tarefas de casa e o acompanhamento dos filhos através das Reuniões de Pais e Mestres são os mais importantes meios de interação desses pais com a escola. Libâneo (*apud*

PAULA, 2000) em relação às tarefas de casa, destaca que ao auxiliarem seus filhos com estas tarefas, os pais tomam contato com o trabalho realizado na escola.

As Reuniões de Pais e Mestres também são meios através dos quais os pais tomam contato com o trabalho realizado na escola, e de acordo com o observado, essas reuniões são as formas mais expressivas de envolvimento dos pais com a escola, os pais muitas vezes tímidos quando no coletivo, ou seja, na presença de outros pais, se mostram muito interessados no que diz respeito ao desenvolvimento escolar do filho, quando no diálogo individual com o professor.

É relevante ressaltar aqui, que nem todos os pais participam da mesma forma, uns participam mais, outros menos. A professora da 2ª série observada aponta que os pais não participam mais, devido “a questão de tempo, disponibilidade e até mesmo a falta de conhecimento do papel que eles podem ocupar” (D.E.<sup>12</sup>: 07). E de acordo com a professora a não participação dos pais na escola acontece também, porque não há uma boa comunicação da escola com a família. Ela diz:

Infelizmente eu acho que só um convitinho, um simples convitinho, não é suficiente pra trazer o pai pra escola. Eu acho que é preciso envolver os pais nos eventos, é preciso participar os pais. E não só os pais, é preciso envolver os alunos também no evento, é preciso fazer assembléia com os alunos, é preciso explicar parte de tudo que vai estar acontecendo na escola, é preciso envolver os alunos na confecção do que vai acontecer na escola. Eu acho que, toda festa, todo evento tem que ser proposto e participativo, e não simplesmente vai ter uma festa. Eu acho que isso não é suficiente pra que haja uma efetiva participação de todos na escola (D.E.: 02-03).

De acordo com o relato dessa professora “[...] a escola tem que se preparar para receber esses pais” (D.E.: 08).

Mas preparar como?

Paro (2008) em relação a uma participação democrática dos pais/comunidade na escola, aponta que esta, não se dá espontaneamente, ela é resultado de um processo histórico de construção coletiva. O autor destaca que há a necessidade da escola prever mecanismos institucionais que não apenas viabilizem a participação dos pais, mas também incentivem práticas participativas dentro da escola. Paro (2007: 10) destaca ainda, que a participação dos pais na escola deve sempre estar “[...] ligada à tomada de decisões e não como mera forma de prestação de serviços ou de contribuição financeira [...]”. A presença dos pais na escola deve ser entendida por todos, como mecanismo de representação e participação política.

E por fim, com relação às implicações que a relação família e escola têm repercutido no desempenho escolar dos alunos, constatou-se com base na pesquisa realizada na 2ª série (para melhor compreensão, ver Tabela em anexo, onde mostra as notas de rendimento escolar dos alunos da 2ª série observada, os eventos promovidos pela instituição campo e a participação/presença da família nesses eventos) que a participação/presença dos pais na escola não determina o bom ou o mau desempenho escolar dos alunos. Exemplo disto são os casos dos alunos 12, 13, 15, 17, 20, 21, 22 e 25, expostos na Tabela .

É interessante notar que outros casos também podem ser observados na tabela:

Casos em que a presença/participação da família implicou no desempenho escolar dos alunos. Que são os casos dos alunos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 16 e 23.

Os alunos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10 e 23 possuem um bom desempenho escolar e suas famílias têm uma presença expressiva na escola. Os alunos 8, 9 e 16 apresentaram progressos em seus desempenhos escolares ao longo dos bimestres e suas famílias têm uma presença expressiva na escola.

E casos em que a presença/participação da família não implicou no desempenho escolar dos alunos, que é o caso do aluno 3. O aluno 3, apresentou uma queda em seu desempenho escolar a partir do 2º bimestre, no entanto sua família esteve presente na escola em duas Reuniões de Pais e Mestres, em um evento e procurou a professora para conversar no horário de Educação Física dos alunos.

Como se pode perceber o bom ou o mau desempenho escolar dos alunos não pode aqui, ser justificado somente pela presença ou ausência da família na escola. Em pesquisa realizada com a professora da 2ª série observada ela pontua bem o caso explicitado na Tabela . quando diz:

[...] a gente percebe que as crianças que tem um sucesso maior na escola, lógico que existe uma certa valorização por parte dos pais em relação a escola, mas por outro lado também, é... não tem como a gente generalizar, existem crianças que não tem apoio familiar e tem sucesso na escola. Então, cada caso é um caso, não tem como a gente falar só porque a família valoriza então há sucesso. Não, a maioria dos casos sim, mas também a caso em que a família não dá apoio, não ajuda e que a criança tem sucesso. Então, é uma questão individual, de criança pra criança (D.E.: 01).

A família de acordo com Polônia e Dessen (2005) exerce uma função muito importante no desenvolvimento e aprendizagem humana. Ela é a primeira a incluir através do ensino da língua materna, dos símbolos e das regras de convivência em grupo, a criança no mundo cultural. E é ela quem transmite às crianças, a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola. Entretanto, ela não pode assumir sozinha a culpa pelo sucesso ou fracasso escolar dos alunos.

Como já foi explicitado, o bom ou mau desempenho escolar dos alunos não depende exclusivamente da participação/presença ou não participação/presença da família na escola. Há inúmeros fatores que podem influir no desempenho escolar dos alunos, bem como no sucesso ou no fracasso escolar dos alunos, sendo alguns deles: A aparelhagem da escola, os métodos de ensino, a formação dos professores, o número de alunos por classe (Paro, 2007), as funções extracurriculares assumidas pela escola (Abramowicz, 1997), os baixos salários dos professores, a estrutura física e material da escola, o regime de funcionamento escolar em vários turnos (Nunes, 1996 *apud* Coelho, 1997), os modelos de avaliação utilizados pela escola (Franco, 2005; Malavazi, 2000), entre outros.

## **Conclusão**

Por intermédio do trabalho esclareceu-se que são inúmeros os fatores que podem contribuir com a situação de fracasso escolar, sendo a relação família e escola apenas uma faceta no processo do fracasso. É importante que se tenha claro que a estrutura da família é também resultado de uma estrutura social, e a relação família-escola também é resultado de outras relações da sociedade. É também relevante recordar aqui, a argumentação de Charlot (2000) que destaca que o fracasso escolar é um fato que deve ser analisado individualmente e contextualizado dentro da perspectiva histórica do sujeito analisado, o que não significa individualizar o problema e culpabilizar o aluno.

Embora a família seja fundamental no processo do desenvolvimento integral das crianças, ela não pode assumir sozinha a culpa pelo sucesso ou fracasso escolar dos alunos, pois o bom ou o mau desempenho escolar dos alunos não depende exclusivamente da participação/presença ou não participação/presença da família na escola, outros inúmeros fatores (sociais, políticos, econômicos e culturais) influem no desempenho escolar dos alunos, bem como no sucesso ou no fracasso escolar dos alunos, inclusive o tipo de participação requerido para a família. Como foi averigado a família cabe o papel de cuidar e educar bem as crianças e a escola cabe cuidar da educação formal (sistemática) e promover o desenvolvimento físico, social, intelectual, emocional, moral e afetivo dos alunos. Conclui-se também que a integração de ambas instituições (família-escola) é fundamental para com o desenvolvimento global das crianças, para com a melhoria da qualidade de vida dos pais dos alunos e também da escola.

## **Referências**

- Abramowicz, Anete. Quem são as crianças multirrepetentes? In: Abramowicz, Anete; Moll, Jaqueline (Orgs.). *Para além do fracasso escolar*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997. cap. 9. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- Ariés, Philippe. A família. In: Ariés, Philippe. *História Social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. cap. 3.
- Assis, Nízia de. Revendo o meu fazer sob uma perspectiva teórico - prática. In: Grinspun, Mirian Paura Sabrosa Zippin (Org.). *A prática dos orientadores educacionais*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 125-141.
- Brasil. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Não paginado. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/civil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 15 out. 2008.

- Brasil. Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Não paginado. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19\\_394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19_394.htm)>. Acesso em: 15 out. 2008.
- Charlot, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- Duarte, Sandra. O emprego das mulheres e as estruturas de apoio às crianças. In: *CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA*, 1991, Lisboa. Disponível em: <[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462e040a7a15a\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e040a7a15a_1.PDF)>. Acesso em: 14 out. 2008.
- Esteban, Maria Teresa. A avaliação no cotidiano escolar. In: Esteban, Maria Teresa (Org.). *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 7-28. (Coleção: O Sentido da Escola).
- Kaloustian, Sílvio Manoug (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1998.
- Libâneo, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- Libâneo, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Toschi, Mirza Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação/ coordenação Antônio Severino, Selma Garrido Pimenta).
- Malavazi, Maria Márcia Sigrist. *Os pais e a vida escolar dos filhos*. 2000. 320 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- Moysés, Lúcia. *O desafio de saber ensinar*. Campinas, Papirus: Niterói, Eduff, 1994.
- Paro, Vitor Henrique. Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: Bastos, João Baptista (Org.). *Gestão democrática*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001. p. 57-72. (Coleção o Sentido da Escola).
- \_\_\_\_\_. *Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais*. 3. reimpr. São Paulo: Xamã, 2007. 128 p.
- \_\_\_\_\_. *Gestão democrática da Escola Pública*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. 119 p. (Série Educação em Ação).
- Patto, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- Paula, Flávia Anastácio de. *Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras*. 2000. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- Polônia, Ana da Costa e Dessen, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005.

---

<sup>1</sup> Pedagoga formada pela PUC-Campinas, 2009. Professora de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Itapira/ SP. daiacristi@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da Puc-Campinas. adriana\_varani@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Os foram realizados durante o 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º período do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, os cursos de graduação são organizados por períodos e cada período equivale a um semestre.

<sup>4</sup> Esta pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia: “A relação família e escola: Implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental” apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo/Brasil.

<sup>5</sup> A pesquisa foi desenvolvida numa escola pública municipal de Ensino Fundamental, localizada em uma cidade do interior do estado São Paulo/Brasil. E seus dados foram coletados durante os meses de maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro do ano de 2008.

<sup>6</sup> As observações para a construção deste trabalho iniciaram-se no mês de maio do ano de 2008, e seguiu-se durante os meses de junho, julho, agosto, setembro e findou-se no dia 10 de outubro de 2008.

<sup>7</sup> Evento em que são vendidas roupas usadas por um valor bem reduzido com o intuito de arrecadar dinheiro para a escola.

<sup>9</sup> Programa Dinheiro Direto na Escola do MEC.

<sup>12</sup> Nesta tabela: A primeira coluna contém os números dos alunos conforme consta na lista de chamada oficial. Em seguida há as notas obtidas pelos alunos durante o 1º, 2º e 3º bimestre. Há também, as pontuações obtidas pelos alunos na Provinha Brasil, no entanto é importante esclarecer que nesta tabela só foram computados os acertos dos alunos nas questões alternativas, o que totaliza 24 questões. As últimas nove colunas contêm dados relacionados à participação/presença da família na escola. A presença da família em eventos é indicada por um (P) e sua ausência por um (-). Faz-se necessário esclarecer também, que os alunos 26 e 27 não frequentaram a sala observada desde o início do ano letivo de 2008, estes vieram para a instituição campo transferidos de outra escola, por isso, as colunas (Tabela) que envolvem o período em que eles estiveram matriculados em outra escola é indicado por (/).

<sup>10</sup> Estas não obrigatórias.

<sup>11</sup> Diário de Entrevista.

Triviños, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 4. tiragem. São Paulo: Atlas, 1995.

Venosa, Sílvio de Salvo. *Direito civil: direito da família*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005. vol. 6. (Coleção Direito Civil).

Presença/ Presença na escola das famílias dos alunos da 2ª série observada.

Notas do 2º Bimestre						Notas do 3º Bimestre						Provinha Brasil aplicada em 08/05/08	Presença da família em reunião de Pais e Mestres				Presença/ participação da família em eventos			Famílias que procuram à professora em momentos de		
História	Geografia	Ciências	Matemática	Ed. Artística	Ed. Física	Português	História	Geografia	Ciências	Matemática	Ed. Artística	Ed. Física	Total de acertos em 24 questões alternativas	1ª - 2008	2ª - 2008	3ª - 2008	4ª - 2008	Bazar da Pec.	Festa do Sor.	Com. do dia das Mães	H.T.P.C	Educação Física
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	23	P	P	-	-	-	-	P	-	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	24	P	P	P	P	P	P	P	-	-
C	C	C	C	C	B	C	C	C	C	C	C	B	21	P	P	-	-	-	-	P	-	P
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	24	-	P	-	P	-	P	P	-	-
B	B	B	B	B	A	A	B	B	B	B	B	A	24	P	P	P	P	-	-	P	-	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	24	-	-	P	P	-	P	-	-	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	23	P	P	P	P	P	-	P	-	-
C	C	C	C	A	B	B	B	B	B	B	B	A	17	P	P	P	P	-	-	P	-	-
C	C	C	C	C	B	B	B	B	B	B	B	A	23	P	P	P	-	-	-	P	-	P
A	C	C	C	C	A	A	A	A	A	A	A	A	24	P	P	-	-	-	-	P	-	-
A	A	A	A	C	A	A	A	A	A	A	A	A	23	P	P	-	-	-	-	P	-	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	24	P	-	-	-	-	-	-	-	-
D	D	D	C	C	B	D	D	D	D	D	C	C	16	P	P	P	P	-	-	P	-	-
C	C	C	C	C	B	C	C	C	C	C	C	B	19	-	-	-	P	-	-	-	-	-
D	D	D	D	C	C	D	D	D	D	D	D	C	16	P	P	-	-	-	-	P	P	-
C	C	C	C	C	C	B	B	B	B	B	B	A	19	P	P	P	P	-	-	P	-	-
D	D	D	D	C	C	D	D	D	D	D	C	C	14	-	P	-	-	-	-	P	P	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	21	P	-	P	P	-	-	-	-	-
C	C	C	C	C	B	B	B	B	B	B	B	A	23	-	P	P	P	-	-	P	-	-
D	D	D	D	C	C	D	D	D	D	D	C	C	12	P	P	-	P	-	-	P	P	-
D	D	D	C	C	C	C	C	C	C	C	C	B	13	P	P	P	P	-	-	P	-	P
D	D	D	D	C	C	D	D	D	D	D	C	C	17	P	P	-	-	-	-	P	-	P
B	B	B	B	B	A	A	A	A	A	A	A	A	23	P	P	P	P	-	-	P	-	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	24	P	P	-	P	-	-	P	-	-
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	24	-	-	-	P	P	-	-	-	-
C	C	C	C	C	B	C	C	C	C	C	C	B				P	P	-	-		-	-
						A	A	A	A	A	A	A					P	-	-		-	-